

VIEWEG, KLAUS. *HEGEL: O FILÓSOFO DA LIBERDADE*. TRADUÇÃO DE NINA AURAS, NATÁLIA CARDOSO, GUSTAVO TORRECILHA, FELIPE SEELAENDER E REGINALDO RAPOSO. COORD. E REVISÃO DE MARCO AURÉLIO WERLE. SÃO PAULO: EDUSP, 2024. 726 PÁGINAS.

Robinson dos Santos*

Klaus Vieweg, filósofo e professor da Friedrich-Schiller-Universität Jena é um pesquisador especialista no Idealismo Alemão e, sobretudo, na filosofia hegeliana. Com obras dedicadas à questão do *ceticismo* em Hegel, estudos sobre as obras *Fenomenologia do Espírito*, *Ciência da Lógica*, o tema da *estética* e, mais recentemente, com pesquisas voltadas à *filosofia política* e *filosofia do direito* hegelianas, Vieweg é indiscutivelmente uma referência na *Hegel-Forschung*. O fato de ter seu trabalho reconhecido internacionalmente pode ser atestado tanto pelas traduções de seus livros e artigos em diversos idiomas quanto por sua intensa atividade como professor visitante e como conferencista em congressos mundo afora. Por isso mesmo, Vieweg é um nome conhecido também em terras brasileiras.

Como *Hegel-Scholar* em Jena, não apenas foi anfitrião e parceiro de diálogo para vários pesquisadores de pós-doutorado, como também orientou doutorandas e doutorandos bolsistas de vários países (inclusive do Brasil). Em 2019, seu livro *O pensamento da liberdade*, traduzido pelo grupo de pesquisadores coordenado pelo Prof. Marco Aurélio Werle, foi publicado pela Edusp. No ano de 2024, igualmente sob a coordenação de Werle, foi traduzida a presente biografia, intitulada *Hegel: o filósofo da liberdade*, publicada pela mesma editora.

Esta biografia foi publicada originalmente na Alemanha pela Editora C. H. Beck no segundo semestre de 2019 e o seu lançamento não foi apenas uma novidade editorial mas, também, um marco significativo na abertura das comemorações dos 250 anos do nascimento de Hegel ao longo do ano de 2020.

A obra está estruturada em nove partes principais e segue a periodização marcada pelas estações de Hegel na Alemanha e Suíça ao longo de sua carreira: I. A ‘amada cidade natal’: infância e juventude em Stuttgart (1770-1788); II. ‘Meu reino não é deste Seminário’: os anos de estudo de Hegel em Tübingen (1788-1793); III. Preceptor de uma família patriciana em Berna:

* Universidade Federal do Paraná/CNPq. E-mail: dossantosrobinson@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3549-2143>.



Hegel na Suíça (1793-1796); IV. ‘Como tudo se tece ao todo’: o caminho de Hegel em Frankfurt e Homburg – do mosaico de fragmentos aos blocos de construção do sistema (1797-1800); V. Viagem de descoberta no saber de Hegel em Jena: a emergência do pensamento fundamental do idealismo absoluto (1801-1807); VI. O novo cavaleiro de Bamberg na redação do jornal: Hegel como jornalista político; VIII. Nuremberg: o primeiro ginásio humanista. A grande *Lógica* e a pequena família (1808-1816); VIII. Hegel no *Philosophenweg* de Heidelberg: a coruja de minerva no Rio Neckar (1816-1818); IX. Berlim: o ‘grande centro’ e ascensão de Hegel à notoriedade mundial (1818-1831).

Se na obra anterior, o objetivo do autor era examinar e comentar as linhas fundamentais da *Filosofia do Direito* de Hegel, definido-a como o *pensamento da liberdade*, nesta biografia trata-se de apresentar o próprio Hegel como *filósofo da liberdade*, apontando para o entrelaçamento entre vida e obra de um dos mais importantes pensadores da filosofia moderna. Com efeito, para Vieweg “razão e liberdade formam ambos os pilares fundamentais sobre os quais o reino filosófico de Hegel é erigido. No pensamento da liberdade reside o impulso central de seus muitas vezes tortuosos caminhos de vida e pensamento”(p. 17).

É partindo deste impulso que Vieweg apresenta aquilo que chamou de “odisseia no espaço do pensamento”, referindo-se ao percurso da formação intelectual de Hegel. Neste sentido, conectar o “caminho de vida” com o “caminho de mundo”(p. 26) do filósofo é um desafio necessário a ser enfrentado — ainda mais no caso de Hegel. “Esse Eu como ‘unidade autossuficiente’ de inumeráveis ações e episódios reúne distintos traços de caráter que não são ainda coerentes e livres de contradição. A identidade é o que deve ser detido como ‘o permanecer-igual e fiel-a-si-mesmo’ na mudança”(p. 27). É com essas palavras Vieweg define a perspectiva orientadora de sua investigação.

Nos primeiros quatro capítulos, a reconstrução do percurso de formação abrange, de modo detalhado, não apenas aspectos e personalidades que inspirariam e moldariam seu caráter mas, também os múltiplos contextos, as experiências e vivências, bem como os próprios episódios de aparente menor importância, que se refletiriam através do tempo tanto nas escolhas teóricas quanto na vida prática e, portanto, no destino do pensador. Incluem-se neste complexo cenário a herança espiritual do ambiente familiar, os personagens, conteúdos do ensino e as leituras livres e consideradas subversivas no período do Seminário de Tübingen, bem como os primeiros esboços e fragmentos, ou “mosaico de projetos”, ao longo da subsequente atividade como preceptor em Berna e, depois, em Frankfurt. O volume de informações, de detalhes e

fontes, que servem de base ao relato destes capítulos é algo impressionante e, ao mesmo tempo, permite ao leitor se localizar de maneira muito precisa no contexto e vislumbrar, como em um filme, os detalhes do cenário, as figuras com quem Hegel conviveu e aquilo que foi absorvendo e assimilando.

Do capítulo V ao IX, o autor reconstrói e examina com muito detalhe os momentos mais importantes em que Hegel desponta como filósofo de perfil amadurecido. O primeiro momento desta etapa é marcado pela chegada do filósofo em Jena, que foi chamada de a “Atenas do Saale”, justamente pelo fato de, em um perímetro geográfico de tão pequena extensão — entre Jena e Weimar — encontrarem-se, na mesma época, tantas mentes brilhantes, quanto foi o caso na antiga metrópole grega. Entre as figuras proeminentes dessa época, a constelação era composta por nomes como Jean Paul, Goethe, Reinhold, Schiller, Fichte, os irmãos Schlegel, Novalis e Schelling. Em Jena, nas palavras de Vieweg, Hegel “coloca a pedra fundamental de sua catedral de filosofia, o fundamento para o seu idealismo absoluto da liberdade” ou, ainda, de modo resumido, “Hegel torna-se Hegel”(p. 197). Por trás dessa última definição está pressuposto o momento em que o filósofo se “estabelece” com um perfil próprio e já amadurecido. Este momento inaugural é o resultado de um processo lento desde o início, mas progressivo e ascendente. Conforme observa o autor, trata-se de uma situação exatamente oposta à de Schelling: este havia iniciado muito cedo, alcançando o “céu” tal como um cometa, mas chegaria ao fim da vida como um corpo celeste que se apaga em uma lenta queda. Hegel torna-se Hegel e formula suas próprias ideias também em um confronto que acabaria em ruptura com seu parceiro e amigo Schelling. Com efeito, como lembra o autor, “quando se quer começar a filosofar, de acordo com a descrição posterior de Hegel, deve-se decidir *querer pensar livremente*”(p. 303).

Se, na estadia em Jena, Hegel coloca o marco fundamental de sua obra, a *Fenomenologia do Espírito*, a passagem por Bamberg e Nuremberg significará o início e a consolidação de uma nova etapa: ao lado da atividade como jornalista político em Bamberg, Hegel dá início ao trabalho de preparação da *Ciência da Lógica*, que seria publicada anos mais tarde, entre 1812 e 1816. A estadia em Bamberg é marcada pela publicação da obra elaborada em Jena: em 1807 é publicada a *Fenomenologia do Espírito*. Nos oito anos subsequentes, de 1808 a 1816, em Nuremberg, Hegel trabalha com ensino e formação na instituição que, conforme Vieweg, foi o “primeiro ginásio humanista da Alemanha, baseado na concepção de reforma de Niethammer e no novo plano escolar para a Baviera”(p. 326). Neste período Hegel deu aulas de Filosofia

para os alunos do ginásio. Na pesquisa em Hegel, este trabalho com a educação, de acordo com Vieweg, é “injustamente negligenciado em seu tratamento”(p. 326).

Entre 1816 e 1818 Hegel, aos 46 anos, assume seu posto como professor ordinário em Heidelberg. A atividade docente em Heidelberg rende a Hegel uma reputação digna dos já renomados Fichte e Spinoza. Neste período ele publica, em 1817, a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, caracterizada como “o compêndio de seu sistema filosófico e cerne do programa de Heidelberg”(p. 418). Entre os diversos acontecimentos da vida social do filósofo nesta época, ele decide, no âmbito familiar, assumir o filho Ludwig que havia nascido de um relacionamento durante a estadia em Jena e que ele mantinha em segredo (p. 307, p. 415). Vieweg destaca quatro aspectos que considera relevantes na atuação de Hegel em Heidelberg: 1. “a Enciclopédia oferece a fundamentação e representação sistemática do idealismo monista em suas linhas fundamentais com a lógica enquanto nova metafísica”; 2. “as passagens da Enciclopédia sobre a psicologia filosófica e sobre os cursos correspondentes fornecem blocos de construção para a epistemologia de Hegel e para a teoria dos signos e da linguagem”; 3. “o primeiro curso sobre o direito natural apresenta os contornos de uma filosofia da vontade e do agir livres; são trabalhadas as determinações racionais do direito, da esfera do direito enquanto uma esfera da liberdade”; 4. “nos pensamentos sobre estética combina-se uma nova compreensão filosófica da arte, da história da arte. Hegel fala da arte moderna como arte livre ‘romântica’, de modo que transponha o abismo entre as unilaterais teorias da arte classicista e romântica”(p. 420).

Em Berlim, Hegel encontra o seu apogeu: em 1818 assume o cargo de professor e, em 1829, torna-se reitor da Universidade de Berlim. Como observa Vieweg, “os anos antes de Berlim foram desgastantes, mas agora ele sentia ter chegado ao ‘centro’”(p. 442). Não obstante essa sensação positiva descrita, também os anos de Berlim oscilarão entre luz e trevas, tanto na vida pessoal quanto na vida pública. Com relação à continuidade de seu trabalho intelectual, é em Berlim que Hegel apresenta seu escrito ético-político mais importante: as *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito*. Na definição de Vieweg: “A *Fenomenologia do Espírito* pode ser vista como a obra mais fascinante e empolgante de Hegel, a *Ciência da Lógica* como a mais importante, fundamental, e as *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito* como a mais influente e a mais agudamente criticada”(p. 457).

De acordo com o autor, quando se trata de refletir sobre critérios e princípios para a ação humana, sobre o tema da equidade, voltar a Hegel não é apenas “útil” mas, sobretudo “indis-

pensável”, na medida em que se trata de uma obra essencial para a compreensão da Modernidade. “A teoria filosófica da eticidade de Hegel contém uma das mais sólidas concepções de liberdade social e política. Ela delinea as linhas filosóficas fundamentais do livre agir no mundo moderno, fundamenta os pensamentos de equidade e de Estado social.” (p. 464)

Contudo, Vieweg também é enfático ao destacar a necessidade de uma compreensão prévia e, em certo sentido, propedêutica, para se ler as *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito*. De acordo com ele, “sem o conteúdo da *Ciência da Lógica*, o centro nervoso do filosofia hegeliano, essa mais significativa filosofia da liberdade na modernidade não pode ser suficientemente compreendida.”(p. 465)

Tanto as *Linhas Fundamentais*, quanto as obras anteriores foram consideradas extraordinárias e coroaram uma carreira acadêmica que poucos conseguiram. Graças a isso e a uma sólida atuação intelectual, os holofotes se voltaram para Hegel e o seu prestígio tornou-se inigualável. Mas as mesmas luzes também atraíram o olhar dos invejosos e adversários. Savigny e Schleiermacher, por exemplo, foram contrários à admissão de Hegel na Academia de Ciências em 1819. Somando-se a esse cenário de intrigas e ataques, são mencionados outros casos e situações desgastantes em que outros personagens participam: “de maneira perversa, tenta-se espalhar a perigosa suspeita de ateísmo; Friedrich Schlegel propaga que Hegel confunde o Satanás com o amado Deus, e Savigny que alunos de Hegel renunciaram à religião”(p. 531). Neste contexto, o próprio Schopenhauer, que também tinha seus problemas com Hegel, resolveu disputar a audiência para suas aulas, anunciando seu curso exatamente no mesmo horário que o de seu adversário. Entretanto, como é possível constatar, o tempo sempre se encarrega de mostrar quem é quem e conferir a cada um o seu lugar no curso da história.

A tradução da biografia de Vieweg sobre Hegel preenche uma enorme lacuna que até há pouco permanecia em aberto, sobretudo no Brasil, onde os estudos hegelianos já estão consolidados e uma comunidade de pesquisadores já está, há bastante tempo, estabelecida. Apesar da extensão do texto ser impressionante, a leitura é acessível e não impõe dificuldades para o leitor ainda não iniciado em Hegel. Vieweg consegue descrever com maestria e tornar compreensíveis as ideias e as obras de um filósofo que, ainda hoje, para alguns, é considerado difícil e inacessível. Este livro, sem dúvida, já é uma ferramenta de grande utilidade e apoio para leitores e pesquisadores da área da Filosofia e, na verdade, não apenas para aqueles interessados em

Hegel pois, a riqueza que esta obra oferece vai ultrapassa em grande medida a exegese de questões específicas da obra do filósofo, estendendo-se para um contexto amplo de discussões dessa época. Este aspecto é, de fato, digno de nota.

Se filosofar significa *querer pensar livremente*, como dito antes, então conhecer com mais profundidade a vida e a obra do *filósofo da liberdade* não é apenas recomendável mas, possivelmente, até mesmo uma condição para se alcançar este objetivo. Com efeito, em alusão a Rosenkranz, Vieweg aponta para um fato incontestável — e com esta passagem eu gostaria de concluir: “O absoluto idealista ainda provoca no século XXI diferentes campos da filosofia. Ainda hoje ‘os opositores de Hegel se alimentam da polêmica contra ele’; ‘proclamam-se os vencedores do dia’ e são celebrados nas mídias populares, muito embora se percam no labirinto de suas meras hipóteses e operem desinibidamente com pressupostos não demonstrados. Mas o filosofar exige um trabalho sério, profundo e laborioso no espírito de um Aristóteles e de um Kant, que Hegel tomava como referências.” (p. 23).

BIBLIOGRAFIA

VIEWEG, Klaus. **Hegel: o filósofo da liberdade**. Tradução de Nina Auras, Natália Cardoso, Gustavo Torrecilha, Felipe Seelaender e Reginaldo Raposo. Coord. e revisão de Marco Aurélio Werle. São Paulo: EDUSP, 2024.

RECEBIDO EM 19/10/2025
ACEITO EM 20/10/2025